

# CUIDADOS PALIATIVOS NO AMBIENTE HOSPITALAR: REFLEXÕES TEÓRICAS

## PALLIATIVE CARE IN THE HOSPITAL ENVIRONMENT: THEORETICAL REFLECTIONS

Eduarda Ellen Costa Vasconcelos<sup>1</sup>

Bárbara Monique Alves Desidério<sup>2</sup>

Anne Carolinne Marie dos Santos Gomes<sup>3</sup>

Renata Livia Afonso Costa<sup>4</sup>

Andréa Miranda Ribeiro de Melo<sup>5</sup>

Maria Carolina Salustino dos Santos<sup>6</sup>

**Resumo:** Diferentes estudos têm discutido a importância da inclusão dos cuidados paliativos enquanto componente obrigatório na formação dos profissionais das equipes de saúde. Atualmente, é explorado em diferentes disciplinas e raramente possui matriz

---

1 Enfermeira. Especialista em Cuidados Paliativos Mestranda em Enfermagem.

2 Graduação em Psicologia. Especialista em Neuropsicologia.

3 Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Especialista em Urgência, Emergência e Unidade de Terapia Intensiva.

4 Enfermeira. Pós-graduanda em Enfermagem Obstétrica. Pós-graduanda em Terapia Intensiva Neonatal e Pediátrica. Pós-graduanda em Terapia Intensiva Adulto. Mestranda em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador.

5 Terapia Ocupacional. Residente na Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Hospitalar com ênfase na Atenção à Saúde do Paciente Crítico.

6 Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem. Mestra em Enfermagem. Especialista em Saúde da Família na modalidade Residência. Especialista em Obstetrícia. Mentora da Excelência Consultoria em Saúde.



curricular própria, o que leva a uma abordagem superficial deste tema, que é de extrema relevância. Com o cuidado paliativo, torna-se mais suportável a vivência das dores do luto antecipatório, inclusive fazendo com que essa vivência tenha um novo significado e a finitude não seja apenas um local de espera em que os arrependimentos removem a consciência dos pacientes, mas sim de um local onde esses pacientes passam a protagonizar sua história, com a possibilidade de realizar coisas inacabadas ou sequer iniciadas, mas que gostariam de realizar antes da terminalidade.

**Palavras chaves:** Cuidados Paliativos; Hospital; Saúde.

**Abstract:** Different studies have discussed the importance of including palliative care as a mandatory component in the training

of health team professionals. Currently, it is explored in different disciplines and rarely has its own curriculum, which leads to a superficial approach to this extremely relevant topic. With palliative care, the experience of anticipatory grief pains becomes more bearable, even making this experience have a new meaning and finitude is not just a place of waiting in which regrets gnaw at the conscience of patients, but of a place where these patients start to be the protagonists of their history, with the possibility of carrying out unfinished or even started things, but which they would like to accomplish before the terminality.

**Keywords:** Palliative care; Hospital; Health.

O conceito de cuidados paliativos vem sofrendo altera-



ções em seu significado desde a sua concepção. O termo, que antes era associado à ideia de terminalidade e finitude da vida, hoje é traduzido em cuidado integral ao indivíduo portador de enfermidades crônicas, assim como do núcleo familiar no qual está inserido (SILVA et al., 2022). Tal alteração de definição pode ser associada não só à uma mudança demográfica e epidemiológica da população (através do seu envelhecimento), como também pelo amadurecimento da Ética, Ciência e da Medicina, que passaram a considerar o Ser Humano indo além dos aspectos exclusivamente biológicos (FREITAS; CARREIRO, 2018).

Atualmente, os cuidados paliativos tem foco nos cuidados holísticos ao paciente, prevenindo e controlando sintomas, promovendo dignidade e autonomia, valorizando suas queixas,

tratando do indivíduo na especificidade de suas necessidades e também cuidando de sua rede de apoio. Isto só é possível através da assistência transversal de uma equipe multidisciplinar e humanizada capacitada para atuar no manejo das diferentes patologias e suas complicações (SOUZA et al., 2022).

Para transformar os cuidados paliativos em ações práticas no âmbito hospitalar, é importante que toda a equipe de trabalho esteja familiarizada aos conceitos da eutanásia, distanásia e ortotanásia. A eutanásia pode ser definida como a ação ou omissão com o intuito de abreviar a vida de um paciente, já a distanásia são medidas fúteis, desproporcionais e artificiais que prolongam o processo natural de morte do indivíduo e, assim como a eutanásia, está proibida pelo Conselho Federal de Me-



dicina. A ortotanásia trata-se de respeitar o processo de morte quando percebida a irreversibilidade do quadro de saúde do paciente, sem abreviar ou prolongar sua duração, porém empregando esforços na redução do sofrimento durante este processo (FREITAS; CARREIRO, 2018).

Diferentes estudos têm discutido a importância da inclusão dos cuidados paliativos enquanto componente obrigatório na formação dos profissionais das equipes de saúde. Atualmente, é explorado em diferentes disciplinas e raramente possui matriz curricular própria, o que leva a uma abordagem superficial deste tema que é de extrema relevância (MALTA; RODRIGUES; PRIOLLI, 2018; SOUZA, et al., 2022).

Estudos apontam que desde 1970 surgiram as primeiras iniciativas de paliativismo no

Brasil, mas apenas na década de 90, conforme relata a Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP), iniciaram-se os primeiros serviços organizados de cuidados paliativos. Os primeiros serviços, ainda experimentais, alavancaram instituições de grande relevância para o paliativismo no Brasil, como o Instituto Nacional do Câncer (INCA), do Ministério da Saúde, que em 1998 inaugurou um hospital exclusivamente dedicado aos Cuidados Paliativos (ANCP, 1970).

Em 1997, a psicóloga Ana Géorgia de Melo fundou a Associação Brasileira de Cuidados Paliativos (ABCP) na tentativa de reunir os paliativistas do Brasil, mas apenas em 2005 os cuidados paliativos passaram a tomar forma de profissão, conceituando o que seria o paliativismo, e respeitando critérios de qualidade instituídos para atu-



ação como paliativista (ANCP, 1970).

Em 2009, o Conselho Federal de Medicina (CFM) incluiu os Cuidados Paliativos como princípio fundamental no Código de Ética Médica. Desde os primeiros passos do paliativismo no Brasil, a psicologia caminha lado a lado dele, trazendo sua contribuição para o atendimento de pacientes que apresentam dificuldade de enfrentamento de suas doenças, dificuldade essa inerente à impossibilidade de tratamento curativo. “Os Cuidados Paliativos atuam de forma fundamental no tratamento de pacientes com doenças incuráveis ou em estado de terminalidade, excluindo-se as tentativas de cura física por parte das equipes multiprofissionais” (BARBOSA, 2022).

Assim, se somos seres biopsicossocioespirituais, e

a saúde, conforme conceitua a Organização Mundial de Saúde (OMS), é “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades”, na impossibilidade de curar o físico, os cuidados paliativos, para além do alívio da dor e do promoção da qualidade de vida, oferecem, aos pacientes, mecanismos para que lidem com a subjetividade psicológica, social e espiritual de si mesmos como pacientes paliativos de forma a vivenciarem a finitude dentro da melhor possibilidade de qualidade de vida, com os melhores hábitos para uma vida saudável na área emocional, psicológica, social, relacional e espiritual, quer seja com seus familiares, amigos e até consigo mesmos, inclusive na realização de desejos do paciente; desejos tão variados que são imensuráveis devido à própria dinâmica



da hospitalização (BARBOSA, 2022).

Os cuidados paliativos psicológicos são de suma importância no ambiente hospitalar, pois há um processo de luto simultâneo à hospitalização de pacientes com doenças terminais. Desde a rotina até os papéis sociais que o paciente cumpria, passando pela imagem do corpo que tinham antes de adoecer e a falta de orientação autopsíquica, como uma perda de sua própria identidade (GOMES et al., 2019).

Continuamente, com o cuidado paliativo, torna-se mais suportável a vivência das dores do luto antecipatório, inclusive fazendo com que essa vivência tenha um novo significado e a finitude não seja apenas um local de espera em que os arrependimentos removem a consciência dos pacientes, mas sim de um local onde esses pacientes passam

a protagonizar sua história, com a possibilidade de realizar coisas inacabadas ou sequer iniciadas, mas que gostariam de realizar antes da terminalidade (SANTOS, 2017).

Os profissionais da psicologia, neste sentido, contribuem na compreensão desses desejos e na observação da estrutura psicológica que ele tem para realizá-los. Além de lidar com os pacientes, os psicólogos hospitalares devem também direcionar cuidados à equipe, familiares, amigos e cuidadores do paciente paliativo, possibilitando a esses o enfrentamento do processo de terminalidade, assim como da própria rotina exaustiva em lidar com a finitude recorrente e diariamente, o que pode acarretar na somatização do adoecimento para além do paciente (VAZ, 2021).



**REFERÊNCIAS**

- FREITAS, G. C. C.; CARREIRO, M. A. Cuidados Paliativos na Unidade de Terapia Intensiva: a ética na assistência do enfermeiro intensivista. *Revista Pró-UniversUS, Vassouras-RJ*, v. 9, n.1, p. 86-92, 2018. Disponível em: <<http://editora.universidadevassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/1236/944>>. Acesso em 23 fev. 2023.
- MALTA, R.; RODRIGUES, B.; PRIOLLI, D. G. Paradigma na Formação Médica: atitudes e conhecimentos de acadêmicos sobre morte e cuidados paliativos. *Revista Brasileira de Educação Médica, Brasília-DF*, v. 42, n. 2, p. 33-44, 2018. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbem/v42n2/0100-5502-rbem-42-02-0034.pdf>>. Acesso em 23 fev. 2023.
- SILVA, L. C, et al. Psicologia Hospitalar e Cuidados Paliativos: reflexões teóricas orientadas para a prática. *Revista Eletrônica Acervo Saúde, São Paulo-SP*, v.15, n.10, p. 1-8, 2022. Disponível em: <<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/11016/6553>>. Acesso em 23 fev. 2023.
- SOUZA, M. O. L. S, et al. Reflexões de Profissionais de Enfermagem sobre Cuidados Paliativos. *Revista Bioética, Brasília-DF*, v. 30, n.1, p. 162-171, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/bioet/a/M8PwcV7ZPSRc-FVrKCRhnhYB/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 23 fev. 2023.
- BARBOSA, Brenda Aparecida Pereira. A importância dos cuidados paliativos na atuação da



Psicologia Hospitalar. 2022. 23 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade de Uberaba, Uberaba, 2022.

GOMES, Alanna Julie Leão Ferreira et al. A relação entre saúde mental e cuidados paliativos: percepções de terapeutas ocupacionais da rede psicossocial. Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social, Uberaba, v. 7, n. 1, p. 32-40, jan. 2019.

PALIATIVOS, Academia Nacional de Cuidados. Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP) e Cuidados Paliativos no Brasil. Disponível em: <https://paliativo.org.br/cuidados-paliativos/cuidados-paliativos-no-brasil>. Acesso em: 22 fev. 2023.

SANTOS, Gabriela Casellato Brown Ferreira. Intervenção do profissional de saúde mental em

situações de perda e luto no Brasil. Revista M., Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 116-137, jun. 2017.

VAZ, Amanda Estrela; SILVEIRA, Tainá Aparecida. A necessidade do psicólogo hospitalar atuante em cuidados paliativos e suas intervenções. [s.d.]. 14 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Centro Universitário Una de Catalão, Catalão, 2021.

